

QUE MOVIMENTO É ESSE: UMA LEITURA HISTÓRICA E SOCIOESPACIAL DO MOVIMENTO LGBT DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Wilians Ventura Ferreira Souza

<https://orcid.org/0000-0002-6166-0059>
Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)
E-mail: wiliansventura98@gmail.com

Carlos Alberto Feliciano

[Orcid.org/0000-0003-1682-7996](https://orcid.org/0000-0003-1682-7996)
Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)
E-mail: cacafeliciano@gmail.com

DOI: 10.35416/geoatos.v8i15.6990

Resumo

Os movimentos sociais são importantes expressões que de início já nos revelam alguns produtos da relação entre sujeito-estado-sociedade, se materializam em busca de espaços e territórios, esta intencionalidade, por sua vez, revela a nós, qual o cerne de atuação de um determinado movimento. O que diferencia um movimento A de um movimento B é, portanto, a sua intencionalidade, a sua forma de ação e suas estratégias que estão impressas no espaço num constante movimento progressivo e antagônico ao mesmo tempo. O presente trabalho está contido em uma abordagem qualitativa, evidenciando diferentes processos geográficos, históricos e sociais acerca do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP, foram diferentes os procedimentos metodológicos utilizados até aqui, como a aplicação de uma abordagem geográfica dos movimentos sociais identificadas como movimentos socioespaciais e socioterritoriais, bem como, levantamento bibliográfico, aplicação de entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental. Esta pesquisa vem sendo desenvolvida há três anos (2017-2019), caminhando em diferentes ritmos e sentidos, para afinar e compreender melhor o estudo e leitura geográfica sobre os movimentos sociais. Esses movimentos são identificados neste trabalho como movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais. Dentro do seio dessa discussão que vem sendo desenvolvida e afinada num coletivo de pensamento, colorimos a história do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP, identificado como um movimento socioespacial a partir de suas práticas e intencionalidades. Além de recompor seu histórico, realizamos também uma discussão socioterritorial a partir do corpo e trazemos para o debate: seria o corpo um território, um espaço, uma ferramenta de luta, ou apenas um conjunto de símbolos expressos socioespacialmente?

Palavras-chave: Movimento LGBT; Movimentos Socioespaciais; Movimentos Socioterritoriais.

WHAT MOVEMENT THIS IS: A HISTORICAL AND SOCIOSPATIAL READING OF THE LGBT MOVEMENT OF PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Abstract

Social movements are important expressions that already reveal to us some products of the relationship between subject-state-society, materialize in search of spaces and territories, this intentionality, in turn, reveals to us, what is the core of a certain movement. What differentiates a movement A from a Movement B is, therefore, its intentionality, its form of action and its strategies that are printed in space in a constant progressive and antagonistic movement at the same time. The present work is contained in a qualitative approach, evidencing different geographical, historical and social processes about the LGBT Movement of Presidente Prudente - SP, the methodological procedures used so far were different, such as the application of a geographical approach of social movements identified as socio-spatial and socio-territorial movements, as well as bibliographic survey, application of semi-structured interviews and documentary research. This research has been developed for three years (2017-2019), walking at different rhythms and senses, to better fine-tune and better understand the study and geographical reading of social movements. These movements are identified in this work as socioterritorial movements and socio-spatial movements. Within this discussion that has been developed and tuned in a collective of thought, we color the history of the LGBT Movement of Presidente Prudente - SP, identified as a socio-spatial movement from its practices and intentionalities. In addition to recomposing its history, we also conduct a socioterritorial discussion from the body and bring to the debate: would the body be a territory, a space, a tool of struggle, or just a set of symbols expressed sociospatially?

Keywords: LGBT Movement; Socio-spatial Movements; Socio-territorial Movement

LO MOVIMIENTO ESTO ES: UNA LECTURA HISTÓRICA Y SOCIOESPATIAL DEL MOVIMIENTO LGBT DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Resumen

Los movimientos sociales son expresiones importantes que ya nos revelan algunos productos de la relación entre sujeto-estado-sociedad, se materializan en busca de espacios y territorios, esta intencionalidad, a su vez, nos revela, ¿cuál es el núcleo de un cierto movimiento. Lo que diferencia un movimiento A de un Movimiento B es, por lo tanto, su intencionalidad, su forma de acción y sus estrategias que se imprimen en el espacio en un movimiento progresivo y antagonico constante al mismo tiempo. El presente trabajo está contenido en un enfoque cualitativo, evidenciando diferentes procesos geográficos, históricos y sociales sobre el Movimiento LGBT de Presidente Prudente - SP, los procedimientos metodológicos utilizados hasta ahora fueron diferentes, como el aplicación de un enfoque geográfico de los movimientos sociales identificados como movimientos socioespaciales y socioterritoriales, así como encuestas bibliográficas, aplicación de entrevistas semiestructuradas e investigación documental. Esta investigación se ha desarrollado durante tres años (2017-2019), caminando a diferentes ritmos y sentidos, para afinar mejor y comprender mejor el estudio y la lectura geográfica de los movimientos sociales. Estos movimientos se identifican en esta obra como movimientos socioterritoriales y movimientos socioespaciales. Dentro de esta discusión que se ha desarrollado y sintonizado en un colectivo de pensamiento, coloreamos la historia del Movimiento LGBT de Presidente Prudente - SP, identificado como un movimiento socioespacial de sus prácticas e

intencionalidades. Además de recomponer su historia, también llevamos a cabo una discusión socioterritorial desde el cuerpo y llevamos al debate: ¿sería el cuerpo un territorio, un espacio, una herramienta de lucha o simplemente un conjunto de símbolos expresados socioespacialmente?

Palabras-clave: Movimento LGBT; Movimientos socioespaciales; Movimientos socioterritoriales.

Introdução

Que movimento é esse que se pinta de arco-íris e que sai às ruas reivindicando a liberdade? Que movimento é esse que, em pleno século XXI, continua a reivindicar direitos como saúde, moradia, trabalho e educação, todos eles sumariamente garantidos pela constituição de 1988. Que movimento é esse que lutou contra a ditadura militar e contra as suas mais dolorosas imposições: a tortura, a perseguição, o silêncio. Em troca de toda luta recebeu um espaço muito menor do que o necessário para o seu desenvolvimento pleno e para o exercício de sua cidadania.

Ainda hoje, neste século, neste ano e neste dia, vemos e ouvimos hora após hora, comentários e notícias de que mais um LGBT foi vítima da lesbo-homo-bi-transfobia, a vítima não somente teve sua vida arrancada em nome de qualquer deus, de qualquer moral ou regra, como também teve sua cabeça esmagada, seu coração arrancado, suas genitálias deformadas, tudo em nome de alguma coisa alicerçada e legitimada pelo patriarcado e pela heteronormatividade.

Identificamos esse processo de violência e imposição de uma única sexualidade, a heterossexualidade, como uma norma que segue, é aceita e legitimada desde as bases de organização do mundo, mundo que também expressa desigualdades entre gêneros impostas pelo patriarcado, entre sexualidades expressas na heteronormatividade e entre os sexos contidos no heterossexismo.

A heterossexualidade-patriarcado-heterossexismo-racismo e a lesbo-homo-bi-transfobia, expressam-se na materialidade do espaço de diferentes formas, sob diferentes intencionalidades e atinge a cada um de nós (ou não) também de forma variada. Neste instante, reconhecemos e introduzimos o discurso, sobretudo, político deste trabalho, num tom de reconhecimento das vidas que lutaram por essa tal liberdade e que foram ceifadas em nome de uma ordem, são corpos e vidas que subverteram um sistema, um conjunto de regras e leis impostos pela religião, pelo patriarcado, pelo racismo e pela heteronormatividade.

Neste trabalho realizaremos uma discussão sobre alguns aspectos que permeiam a escala do corpo, entendendo-o como expressão da vida, como símbolo das vivências, das trocas e das experiências, o corpo fala. É importante salientarmos que já existem diferentes autoras e autores brasileiros que já trabalham e debruçam-se sobre o estudo das sexualidades, das práticas espaciais de sujeitos LGBTs, mas, principalmente, a respeito do corpo.

Para tanto, utilizamos Ornat (2007), Silva, Ornat e Júnior (2016), Silva e Ferreira (2017) e Barbosa (2017), como pontapé inicial já que trazem uma leitura mais afinada a respeito do tema estudado, ao mesmo tempo, o corpo aqui trabalhado, isto é, partir da abordagem socioespacial e socioterritorial, está contido na escala da atuação, da militância¹, dos ativismos², das mudanças espaciais provocadas pelas manifestações, pelas ocupações, pela mudança da dinâmica de uma via/rua/rodovia de importante circulação e simbolismo político, a exemplo da Parada do Orgulho LGBT/Diversidade, compreendida como uma manifestação socioespacial.

Este debate ao redor da escala do corpo, do corpo como ferramenta de luta e expressão socioterritorial, estará contido numa discussão ainda maior: a formação histórica do movimento LGBT brasileiro que assumirá neste trabalho um espaço secundário, visto que pretendemos primariamente discutir a formação socioespacial/socioterritorial do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP.

Desta forma, fomos na base de formação do movimento em escala nacional, exatamente por entendermos e identificarmos na fala dos sujeitos entrevistados que suas vidas e suas conquistas fazem parte de uma construção ainda maior e que foi inscrita nas linhas do passado através da vida de militantes LGBTs que se doaram em nome de uma causa, de uma luta, mas, principalmente, em nome da liberdade.

A partir da exposição da relevante trajetória percorrida pelo movimento LGBT nacional, realizaremos um recorte escalar muito importante e que expõe de uma forma

¹ Entendemos militância como uma ação política organizada, planejada, fruto de estudo e preparação, é, portanto, produto de uma organicidade, de um movimento ou coletivo, geralmente está ligado a luta revolucionária, que visa mover e movimentar processos de exploração e opressão, lutam pela transformação social.

² O ativismo, diferentemente, da militância, pode ser compreendido como uma prática que se adequa e que “cabe” dentro da vida particular/pessoal do indivíduo, ele/ela não precisa, necessariamente, abdicar de seus interesses pessoais em prol de uma luta maior, dessa forma, o indivíduo desenvolve uma forma específica de atuação, mais pragmática e carregada de símbolos que se manifestam na forma de se alimentar, vestir, morar, de se comportar, etc.

diversa e colorida a trajetória do movimento LGBT de Presidente Prudente - SP, identificando os elementos históricos que fizeram parte da sua formação e do seu desenvolvimento, como também, a realização de uma leitura geográfica da atuação desse(s) movimento(s) que criam e recriam, destroem e constroem espaços menos desiguais e mais libertários em nome de suas vidas e de uma comunidade tão complexa e diversa como é a comunidade LGBT.

O caminho para chegarmos até aqui não foi fácil, toda essa construção é resultado de anos de pesquisa (2017-2019) e da criação de uma ampla rede de colaboração desempenhada por grupos de pesquisas e sujeitos que compõem os coletivos (Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA, Rede DATALUTA) e movimentos sociais (Grupo Somos LGBT de Presidente Prudente - SP, Levante Popular da Juventude). Toda essa construção que não é individual, mas sim, coletiva, será materializada em poucas páginas, desta forma, reconhecemos a enorme importância do pesquisar, do conhecer e do ir além do que se vê, identificando este trabalho como um produto da relação aluno-universidade-sociedade, relação essencial para a construção de pesquisas que dialoguem com a realidade de diferentes sujeitos e comunidades.

Ressaltamos também as importantes trajetórias metodológicas percorridas até o presente momento, já que a construção científica necessita de um rigor teórico, metodológico e científico para que seja aceita, compreendida e lida pela comunidade acadêmica, ao mesmo tempo, o nosso ato de escrever, é também, um ato político e poético. Ao falar de sujeitos, de corpos, de vidas, de maneiras de pensar e sentir o mundo, falamos direta ou indiretamente de poesia(s) que podem lidar a partir dos símbolos que esses corpos carregam durante sua caminhada.

As etapas metodológicas foram essenciais, sem elas este trabalho não seria possível. Realizamos a construção de um banco de dados completo e significativo a partir da nossa temática de investigação agrupando números e informações acerca das Paradas organizadas em Presidente Prudente - SP (quadro 2), a partir do levantamento bibliográfico alcançamos a seleção de diferentes palavras-chaves que fizeram parte da nossa busca e contribuíram para o reconhecimento de um total de 59 obras que permearam temas relacionados a diversidade sexual e o movimento LGBT³.

³ Para aquisição das 59 obras em torno dos temas relacionados a comunidade LGBT aplicamos palavras-chave como: diversidade sexual, LGBT, Movimento LGBT, Sexualidade e Corpo. Utilizamos a plataforma Minerva (UFRJ), Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Catálogo ATHENA e Plataforma Scielo.

Realizamos também a construção de um banco de dados sobre as diferentes formas de violência e violação contra a população LGBT brasileira utilizando dados do Disque 100 – módulo LGBT – e, também, dados do Grupo Gay da Bahia, identificado como uma das principais organizações que denunciam crimes motivados pela lesbo-homobi-transfobia.

Construímos uma plataforma importante de contato com os militantes e ativistas que fizeram parte da construção do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP e de sua principal ação socioespacial identificada pelas Paradas da Diversidade que foram construídas no município. Essa plataforma pode ser identificada a partir das entrevistas semiestruturadas que foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Uma das principais particularidades da entrevista semiestruturada é que ela segue um roteiro previamente elaborado e que esteja em consonância com os objetivos e intencionalidades do pesquisador em relação ao seu objeto de estudo.

Nosso objetivo neste roteiro foi o de compreender como os movimentos sociais LGBTs de Presidente Prudente – SP se manifestam espacialmente, quais as relações estabelecem com os mais diferentes espaços, quais são as dificuldades enfrentadas no dia a dia, como compreendem seus corpos, mas, sobretudo, realizar através da oralidade desses sujeitos que pertencem aos movimentos sociais a construção histórica do movimento LGBT através das paradas LGBTs realizadas no município, identificadas como uma importante ação socioespacial.

Por fim, realizamos uma importante pesquisa documental através da biblioteca da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – campus de Presidente Prudente - SP, que disponibiliza um enorme acervo de jornais de diferentes décadas que circularam desde uma escala local até estadual. A partir deste acervo, inserimo-nos numa constante busca de notícias que retratassem a atuação dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais, sobretudo, do movimento LGBT de Presidente Prudente - SP. Nos debruçamos durante meses, até encontrar as primeiras manifestações socioespaciais e, em alguns momentos até socioterritoriais, do movimento LGBT de Presidente Prudente - SP, intitulado inicialmente como movimento gay.

A nossa corrente teórica está alinhada à leitura dos Movimentos Socioespaciais e Socioterritoriais realizada por Fernandes (2005; 2012), que traz elementos e características

geográficas para essa discussão evidenciando categorias e elementos da geografia, como o espaço e o território.

Os (as) autores (a) como Camarotti (2009), Coletto (2013), Facchini (2002; 2018), Freire (2015), Nogueira (2018), Vianna (2015), levantados, foram essenciais para a leitura a respeito da história do Movimento LGBT brasileiro, já que demonstram através de diferentes perspectivas e posicionamentos, as passagens realizadas pelo movimento durante o seu processo de construção histórica.

Esperamos que apreendam e identifiquem os importantes passos do movimento LGBT seja nacional ou local (Presidente Prudente - SP), que além da obtenção do conhecimento e da apreensão destas histórias, sejam tocados pela luta desses sujeitos e pela liberdade de ser quem se é, como disse o poeta Paulo Leminski “isso de ser quem se é, ainda vai nos levar além”, que essa viagem de preferência ultrapasse o arco-íris, tenham uma excelente leitura.

Não Somos só um Conjunto de Letrinhas: abordagem histórica do Movimento LGBT brasileiro

Desde o processo de redemocratização é possível observar o surgimento de amplos territórios e espaços que estão sendo disputados pelos Movimentos Sociais, como aponta Camarotti (2009), são em sua grande maioria denominados de movimentos populares, que se atentam para a redistribuição. Ao mesmo tempo que surgem movimentos que buscam uma distribuição mais igualitária, isto é, a redistribuição, também se faz presente os movimentos sociais que lutam por outras demandas, consideradas mais específicas, pautadas no direito a diferença, na construção de suas identidades que há tanto tempo vêm sendo violadas, por fim, buscam novos direitos que estão intrinsecamente ligados a uma nova cidadania.

Junto com o surgimento dos movimentos sociais contemporâneos como o Movimento Negro, o Movimento Feminista, surge pouco tempo depois “o movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), que apenas recentemente, alcançou uma visibilidade incontestável e passou a compor o cenário de lutas políticas no Brasil” como aponta Camarotti (2009, p. 12).

É evidente e cabe destacar que o Movimento Homossexual não é tão recente assim, surge no Brasil em 1978 através da formação do Somos – Grupo de Afirmação

Homossexual, todavia, passa por diferentes etapas e processos que culminam no enfraquecimento da sua força social e das suas redes de sociabilidade e dos militantes LGBTs. Essa diminuição está contida na bibliografia citada anteriormente em dois grandes tópicos: 1) surgimento da epidemia da AIDS 2) redemocratização e necessidade da criação de um novo ideário, que além de passarem a viver em um novo contexto democrático diferente das etapas de sua criação, observam a explosão das grandes discussões em torno da AIDS, que acaba sendo associada as práticas homoafetivas.

O movimento Homossexual ou Movimento LGBT, inicialmente possuía uma luta/causa específica na caracterização dos seus corpos, das suas formas de ser e de existir, viam a necessidade de se afirmarem enquanto sujeitos homossexuais, viam a necessidade de saírem do armário (termo utilizado no contexto popular). Portanto, neste primeiro início das lutas travadas pelo Movimento LGBT e pelos sujeitos LGBTs, havia uma característica central, a luta pela afirmação e reafirmação de suas identidades e busca pelo reconhecimento das mesmas, a relação com o Estado nessa etapa se fazia quase que nula, fraca e inexistente, no entanto, com o surgimento da epidemia da AIDS essa relação é abruptamente aproximada, já que os homens homossexuais representavam uma categoria de risco, a partir desse momento as relações entre o Movimento LGBT e o Estado se tornam mais intensas e mais próximas na busca pela criação de políticas públicas e políticas de prevenção que atendessem a população e garantissem a estagnação da epidemia.

As lutas e demandas travadas pelo Movimento LGBT ao redor do Estado, possibilitou a criação no ano de 2004 de um programa com pautas e especificidades no que diz respeito a vida dos sujeitos LGBT, conhecido como “Brasil sem homofobia – combate a violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual”, como aponta Camarotti (2009, p. 13), essa foi a primeira ação desencadeada pelo poder executivo federal especificamente dirigida aos homossexuais.

A dificuldade do Estado em elaborar soluções para os problemas que emergiam na sociedade fez surgir novos atores sociais e políticos na busca pela criação de políticas públicas, espaços menos desiguais, divisão de poderes e esferas, no que tange o público LGBT essa dificuldade sempre foi denunciada desde o ano da criação do movimento organizado (1978) até a presente data.

Podemos compreender o surgimento de grupos, coletivos, mais especificamente de movimentos sociais, um produto gerado pelo discurso ineficiente do Estado em relação

ao suprimento e auxílio destinado a essas populações e grupos sociais específicos, que não satisfeitos com a condição em que viviam, se organizam enquanto sujeitos políticos e sociais na busca pela disputa daquilo que certamente corresponde a sua sobrevivência.

Como aponta Melucci (1989) é percebido um aumento significativo no número de grupos capazes de se organizar, representando seus interesses e extraindo vantagens do processo de troca política. A resposta do Movimento LGBT a ineficiência do Estado, surge, de forma massiva na década de 1990 e passa atuar num formato mais pragmático e sobre as vias institucionais através das Organizações Não Governamentais (ONGs), o Grupo Gay da Bahia e o Triângulo Rosa são identificados como os grupos mais expressivos nessa nova forma de atuação do movimento, se na década de 1980 o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (IBH) reuniu 19 grupos organizados pelo Brasil, na década de 1990 o mesmo evento reuniu 180 grupos e organizações espalhados/espalhadas pelo Brasil, número que evidencia uma nova organização e atuação.

Num primeiro momento Camarotti (2009) faz uma análise da atuação e dos mecanismos políticos exercidos por diferentes instituições e movimentos sociais que acabam por criar uma nova relação entre Estado – Sociedade Civil, logo, surgem conceitos como o da participação cidadã, que coloca a sociedade civil numa relação com o Estado completamente diferente da que havia no passado a partir do surgimento das ONGs na década de 1990.

Gohn (1997), realiza uma leitura sobre os paradigmas desenhados sobre os Movimentos Sociais, aplicando uma leitura especificamente latino-americana, compreendendo os processos históricos de consolidação da sociedade, não como processos únicos em todo o mundo, mas que possuem especificidades e particularidades, que devem ser respeitadas para que se faça uma análise correta da atuação desses grupos, logo, compreender os Movimentos Sociais da América Latina, implica, necessariamente exercer constantemente uma leitura da realidade latino-americana, elaborando, por fim, uma leitura específica para cada contexto espacial.

No contexto brasileiro, as questões sobre os Direitos Humanos, tem permeado a criação de redes de solidariedade entre os movimentos sociais e que de certa forma mobilizam apenas pequenas parcelas das camadas médias da população. No que se refere ao Movimento LGBT brasileiro, a característica intrínseca ao seu surgimento se dá pela pauta do reconhecimento, com pouquíssimas relações acerca de demandas econômicas. A

igreja católica (mais especificamente a ala progressista) desempenha um papel interessante na construção das narrativas sobre as disputas entre espaços e poderes, já que ela teve um papel muito importante na década de 60, promovendo a inserção de políticas públicas e negociações em torno de movimentos sociais específicos como por exemplo o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) que praticam sua luta em direção ao trunfo do território. No entanto, com o os “novos Movimentos”, mais especificamente o Movimento LGBT, o sentido é oposto, já que diante dos dogmas praticados pela igreja e do que consideram pecado a população LGBT seria um alvo a ser atacado.

Em todos os lugares do mundo o Movimento LGBT, encontra-se sobre a luta pelo reconhecimento de suas identidades. “Assiste-se, de algumas décadas para cá, paralela à existência de demandas relacionadas à classe, a emergência e consolidação de reivindicações referentes ao status, nas quais, muitas vezes, as questões econômicas estão em posição secundária, e o foco do discurso dirige-se às questões identitárias”, como aponta Camarotti (2009, p. 35). O surgimento de pautas, lutas e bandeiras que são erguidas no contexto atual, estão intrinsicamente ligadas primariamente com as questões de identidade e do reconhecimento do ser.

A construção da luta LGBT se dá pela identidade e pelo projeto que o coletivo/movimento carrega, como aponta Camarotti (2009), a luta pela identidade surge no aspecto imaterial que normatiza suas vidas, isto é, o heterossexismo, já o projeto também está ligado com os aspectos da identidade do Movimento LGBT, no entanto é macroestrutural, corresponde as estratégias adotadas pelo movimento em busca da desconstrução de estruturas milenares que correspondem a um processo de opressão, a luta gira ao redor da libertação dos corpos.

A construção de agendas de luta no centro do Movimento LGBT, seja em âmbito internacional como nacional, se dá inicialmente pela necessidade de ressignificar o sentido da palavra homossexualidade.

A partir da década de 1960 os LGBTs lutavam para que a categoria homossexual deixasse de ser ligada a ideia de doença ou crime, desejando, portanto, que a homossexualidade fosse reinventada e ganhasse o sentido ou papel de designar o seu sentido a partir da perspectiva do desejo. A afirmação do ser homossexual como uma característica de identidade e de orgulho ocorre em Nova York, em um evento marcado pelo enfrentamento e reafirmação no bar Stonewall Inn. Como aponta Camarotti (2009,

53) “o episódio ocorreu em uma noite de sexta-feira, 28 de junho de 1969, como respostas aos constrangimentos a que eram submetidos os homossexuais por parte da polícia”.

A autora aponta que há um consenso de que o Movimento LGBT brasileiro tenha surgido com o lançamento do Jornal “Lampião da Esquina” na cidade do Rio de Janeiro, a produção do material jornalístico envolvia homossexuais intelectuais, acadêmicos, jornalistas e artistas, contribuindo para que o Jornal Lampião da Esquina se tornasse um importante instrumento e referência para o Movimento.

As identidades hegemônicas foram questionadas, colocando em evidência a pluralidade do social que antes se encontrava obscurecida pela centralidade das questões de classe, conforme já mencionado, permitindo, assim, a emergência das demandas e insatisfações de mulheres, índios, negros e homossexuais, os quais passaram a exigir o reconhecimento de sua especificidade no campo da cidadania universalizante (CAMAROTTI, 2009, p. 54).

O reconhecimento de suas identidades sexuais, era marcada pelo Jornal Lampião da Esquina como um ato político, isto é, uma saída significativa dos guetos. No entanto, o primeiro grupo homossexual brasileiro surgiu em São Paulo no ano de 1978, as características como aponta Camarotti (2009) adotadas pelo grupo tomava um sentido oposto aquela estética de militância da esquerda, fazendo a pauta macroestrutural das classes se tornar uma discussão secundária, já que afirmação de suas identidades se constituía como principal ato político adotado pelo Grupo.

É importante realizarmos essa leitura em torno dos aspectos das redes criadas entre os movimentos sociais diversos e suas respectivas disputas narrativas e ideológicas, tendo vista que no primeiro momento da luta LGBT a ala da esquerda ortodoxa considerava a luta do Movimento LGBT e de outras pautas consideradas “minorias” não tão importantes quanto a luta de classes, logo, o movimento denunciava as atuações da esquerda brasileira como praticas homofóbicas que iam exatamente no sentido oposto ao que os coletivos propositavam, isto é, a busca pelo reconhecimento de suas identidades.

A materialização da luta desses sujeitos/movimentos sociais LGBTs, começa a ser percebida em torno das duras críticas dos movimentos à forma como a sociedade estava estruturada e organizada (o que convertia as plurais sexualidades e formas de ser em desordem), isto é, dentro de normas rígidas e muito antigas, portanto, são pelas ações estratégicas representadas pelas passeatas, que posteriormente são convertidas em “paradas”, que ocorrem em todo mundo.

As primeiras passeatas acontecem em meados dos anos 1980, em resposta as duras repressões sofridas pelos policiais, no entanto, como aponta Camarotti (2009, p. 56), “entretanto, foi somente quando a International Lesbian and Gay Association (ILGA) realizou a sua 17ª Conferência Internacional no Brasil, em junho de 1995, que aconteceu a primeira parada gay brasileira na cidade do Rio de Janeiro-RJ”.

A respeito da construção das paradas que posteriormente ganham mais visibilidade, Camarotti (2009, p. 56), aponta:

A partir de 1997, o movimento homossexual de São Paulo passou a organizar paradas anuais, imprimindo-lhes uma conotação mais política; ao mesmo tempo, aproveita estrategicamente o caráter festivo do evento para aglutinar um grande número de homossexuais não-militantes, heterossexuais simpatizantes (CONDE, 2004) e, mais recentemente, até mesmo “curiosos”, que acabam por conferir legitimidade à bandeira de luta LGBT. A maior visibilidade desses eventos tem aberto espaços na mídia e na sociedade para as bandeiras homossexuais. Entretanto, muitas vezes, o processo de organização das paradas envolve discordâncias que dão origem a dissidências no movimento, ainda que temporárias, principalmente pelo caráter excessivamente festivo e pouco politizado do evento, segundo parte da militância, e à acusação de que falta transparência na destinação dos recursos advindos de patrocinadores.

Inicialmente podemos realizar uma leitura acerca das paradas LGBT como um evento que envolve milhares de pessoas, entre elas, sujeitos não LGBT mas que por se tratar de um evento apresentado de forma pública e com uma estrutura consideravelmente grande, se aproximam das discussões e compreendem as lutas estabelecidas em torno da bandeira levantada pelo Movimento.

Como exposto anteriormente o Movimento LGBT possuía uma estrutura diferente dos movimentos de esquerda atuantes na época, ao mesmo tempo que reproduzia o machismo e a desigualdade de gênero, já que o movimento não recebia as pautas e lutas levantadas pelas mulheres lésbicas, travestis e transexuais.

Essa problemática centrada na falta de visibilidade dentro do movimento que lutava pela visibilidade e pela pluralidade, fez surgir uma cisão como aponta Camarotti apud Fry (2009, p. 57) “ex-integrantes do grupo “Somos” fundaram o “Grupo de Ação Lésbico-Feminista” (GALF) e integrantes insatisfeitos com a vinculação do “Somos” à política partidária tradicional deram origem ao grupo “Outra Coisa”. O grupo Somos se coloca como primeiro Grupo/Coletivo/Movimento LGBT do Brasil, no entanto dois anos após a sua fundação já era possível identificar 17 grupos homossexuais espalhados pelo Brasil.

Um dos questionamentos que surgem durante a leitura do movimento está centrado na representatividade que o movimento é capaz de abarcar e, de fato, representar. Se os sujeitos que compõem o Movimento LGBT são sujeitos que diferem uns dos outros, o que os faz se unirem em torno da luta? Como aponta Camarotti (2009, p. 58), “de modo geral, gays, lésbicas e transgêneros são alvos da mesma discriminação e intolerância, o que faz com que reivindiquem juntos na arena política, a sua cidadania e condição humana”.

Por volta da década de 1980, é possível observar um enfraquecimento da força social exercida pelo Movimento LGBT brasileiro, as divergências que eram criadas a respeito das opiniões e das alianças estabelecidas com partidos políticos, sobretudo, o Partido dos Trabalhadores (PT), fez com que o movimento de certa forma se enfraquecesse nos aspectos da autonomia que antes tinha, ao mesmo tempo que pessoas do Movimento LGBT acabaram se filiando a partidos, tornando-se quadros partidários.

A dicotomia entre os sujeitos que compunham o Movimento LGBT, só veio se enfraquecer com o ressurgimento da AIDS, que colocava os LGBTs em uma situação de estigma ainda maior, sobretudo, os homens gays, população que estava sendo atingida de forma letal pela doença. É evidente que o campo das leis é ainda um espaço muito lesbo-homo-bi-transfóbico, que tem negado a esses sujeitos os direitos comuns a todo e qualquer cidadão.

Quadro 01. Conteúdo das atuações desempenhadas pelo Movimento LGBT

1. De visibilidade – Manifestações Socioespaciais	1.1 A realização de Paradas
	1.2 A realização de eventos culturais de estímulo ao respeito à diversidade e valorização da identidade LGBT
	1.3 A realização de manifestações e protestos
2. De denúncia	2.1 A documentação e acompanhamento de casos de violência contra LGBTs
	2.2 O acompanhamento da mídia e tomada de providências nos casos considerados de discriminação aos LGBTs
3. Da presença no campo político formal	3.1 A proposição e pressão para aprovação de leis
	3.2 A proposição, execução e monitoramento de políticas públicas
	3.3 A candidatura a cargos legislativos e executivos e o estabelecimento de alianças com políticos favoráveis à causa LGBT
	3.4 A atuação junto ao poder judiciário visando assegurar direitos dos LGBTs
4. De articulação	4.1 A criação de redes LGBTs transnacionais, nacionais e locais
	4.2 O incentivo ao surgimento de novas organizações LGBT
	4.3 O estabelecimento de redes com outros movimentos sociais

Fonte: Camarotti, 2009

Org: Wilians Ventura Ferreira Souza; Carlos Alberto Feliciano

Como demonstrado no Quadro 01, o movimento LGBT possui diferentes repertórios de atuação e ação coletiva, que permeiam a luta pela visibilidade, da denúncia das violências e dos Crimes de ódio praticados contra a população LGBT, da presença no campo político formal, isto é, na luta pela aprovação de leis que garantam direitos básicos e da articulação, que estrategicamente pensa na criação e aprimoramento de redes de coletivos LGBT.

Produção e Disputa pelo Espaço a partir do Corpo: luta e formação do Movimento LGBT de Presidente Prudente/SP

Assim como o surgimento do Movimento LGBT em âmbito internacional e nacional, o movimento LGBT de Presidente Prudente - SP, nasce marcado pela resposta as múltiplas formas de violência direcionadas a seus corpos e as suas vidas. As normas vigentes, correspondentes as práticas heteronormativas e heterossexistas, que limitam e proíbem que os corpos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, transitem pelos espaços de forma livre e pacífica.

Para o seguinte resultado, realizamos entrevistas semiestruturadas com 5 sujeitos, que participaram ativamente da construção do movimento LGBT de Presidente Prudente - SP em seus diferentes momentos históricos. Alguns dos entrevistados constituem-se como os primeiros a organizarem algum tipo de ação coletiva ou manifestação socioespacial no município, outros fazem parte da atuação mais recente do Movimento LGBT. Identificaremos quando for preciso as particularidades, os formatos de resistências e lutas desempenhados por esses militantes.

Quadro 02. Características dos entrevistados⁴

Nº	Nome	Identidade de Gênero	Orientação Sexual	Idade	Religião	Tempo de Atuação
1	Charles	Cisgênero	Homossexual	48	Candomblecista, Umbandista e Espírita	2015
2	Renata	Cisgênero	Heterossexual	47	Católica	(2007 a 2012 e 2015)
3	Tauan	Homem Transexual	Heterossexual	27	Evangélico	(2016 a 2019)
4	Talita	Travesti	Heterossexual	35	Católica	(2007 a 2012 e 2015)
5	Vagner	Cisgênero	Homossexual	41	Católico	(2016 a 2019)

Org. Wilians Ventura Ferreira Souza e Carlos Alberto Feliciano

⁴ Todos os entrevistados após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizaram e reivindicaram a utilização de seus nomes como um ato político e importante, já que contribuíram de forma substancial para a construção da história do movimento no município.

Através da aplicação das entrevistas semiestruturadas, foi possível unir o quebra-cabeça histórico de atuação de ativistas e militantes do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP. Identificamos, portanto, as primeiras ações e manifestações socioespaciais, expressas em ocupações, manifestações, atos políticos, como também, a distribuição de guetos e redes de sociabilidade.

Todas essas características que compõem o movimento LGBT, serão expressas a partir da oralidade dos sujeitos entrevistados, como também do ato de colorir a história das Paradas realizadas em Presidente Prudente - SP, entendendo-as como um importante instrumento de luta, que modifica a dinâmica da cidade, ainda que de forma efêmera.

Ao indagarmos os sujeitos sobre a história das Paradas da Diversidade/Gay/Parada LGBT de Presidente, foram poucas/os aquelas/es que souberam responder com precisão questões sobre datas, quantidade de participantes, local de realização, entre outras questões que consideramos de imensa importância, até pelo motivo de não haver nada documentado pelos ativistas, militantes e movimentos sociais. No entanto, ressaltamos que a história desse movimento, que é tão rica e complexa, não se perdeu.

Através do nosso esforço, em buscar entender e conectar as peças do quebra-cabeça que pareciam não fazer parte do jogo, jogamo-nos em busca das possibilidades de encontrar algo, que pelo menos nos ajudasse a entender melhor a atuação desses sujeitos e de outros movimentos, como também recompor o seu histórico de luta e ação.

A partir desse movimento de ir em busca de algo desconhecido, nos defrontamos com a hemeroteca presente na biblioteca da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Presidente Prudente - SP, onde após dias e dias de reflexão e busca das matérias jornalísticas a respeito das manifestações/Paradas/Ocupações do Movimento LGBT e dos ativistas, tivemos a exultação de encontrar todos os anos das manifestações socioespaciais – reconhecidas em alguns momentos como Parada do Orgulho Gay, em outros como Parada da Diversidade e até Parada do Orgulho LGBT – exceto de alguns anos em que a Parada não ocorreu.

Por esse motivo, escrevemos este artigo em clima de resistência, principalmente por duas questões: 1) Pelo esforço desempenhado durante a construção desta pesquisa e pelos reconhecidos avanços em diferentes temáticas, seja elas conceituais, teóricas e também do fazer ciência, isto é, da prática da ação científica. 2) Por estarmos escrevendo e

realizando um trabalho jamais feito e, que sem dúvida, entra para a história do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP e de todas e todos aqueles/aquelas que fizeram parte dessa construção e que devem se sentir representados por cada palavra distribuída neste texto.

Realizaremos a partir de agora a exposição da história do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP, partindo de seus primórdios, das suas bases, do início dessa história tão rica, colorida e importante para o município e todas e todos aqueles/aquelas que hoje se encontram dispostos na luta pelas suas vidas e corpos.

O processo de construção do movimento LGBT em Presidente Prudente - SP é muito recente. Renata, militante na área da saúde, uma de nossas entrevistadas, iniciou por volta da década de 2000 a participação em diferentes conselhos de saúde e treinamentos em torno das temáticas de saúde que englobassem temas como acessibilidade e inclusão no Sistema Único de Saúde (SUS).

Desses conselhos, caracterizados como espaços de formação, ela saía cada vez mais preocupada com a criação e o fortalecimento de uma rede de atuação no município de Presidente Prudente - SP centrada na saúde e em seus meandros compostos pela diversidade, seja de negras e negros, idosos, como também de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. É importante destacarmos que essa rede composta por estas temáticas ainda era inexistente.

O incentivo do Estado sobre as políticas públicas de acesso à saúde, programas de prevenção as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), educação acerca das temáticas sexuais nas escolas, se constituem como ações propositivas e que produzem ótimos resultados.

Ao participar de um desses encontros, a ativista da área da saúde identificou uma lacuna no município de Presidente Prudente - SP, visto que ainda não havia na região alguma organização da saúde, mais especificamente, em torno das temáticas que envolvessem LGBTs. Neste momento, vê-se a necessidade de buscar sujeitos que a partir de suas vivências e experiências pudessem construir algo sólido e representativo no município, além da criação de uma rede centrada na diversidade.

O foco principal do curso (Tecendo Redes) realizado em Belo Horizonte - MG, era de que os participantes saíssem de lá com o objetivo de construir novas redes ao redor da saúde e, também, de se inserirem nos conselhos municipais de saúde (CMS).

A ativista passa a conhecer as estruturas do Conselho Municipal de Saúde de Presidente Prudente - SP, onde identifica diferentes problemáticas, sobretudo, em relação a representatividade. Ela reconhece a partir de sua fala que o Conselho de Presidente Prudente - SP não obtinha uma paridade visto que era formado apenas por gestores e trabalhadores, faltava, portanto, a participação dos usuários dos sistemas de saúde.

Após o contato com diferentes gestores e a exposição de sua insatisfação em relação ao Conselho Municipal de Saúde de Presidente Prudente - SP, já que a realidade do município não condizia com o que ela havia aprendido no curso realizado, ela recebe algumas orientações de pessoas próximas e entra com um processo direcionado ao município para que houvesse a construção de um Conselho Municipal adequado às bases regimentais e representativas.

A partir desse movimento de busca de representatividades LGBTs para compor o Conselho Municipal de Saúde (CMS), a ativista Renata conhece Sérgio Aparecido dos Santos, identificamos a atuação do Sérgio como essencial para a construção e consolidação do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP, identificado, inicialmente, como um movimento homossexual e até mesmo gay, visto que as discussões a respeito das diferenças, das identidades e das interseccionalidades ainda era muito insípida e efêmera.

Sérgio passa a partir dos encontros realizados em âmbitos estaduais, participar do Tecendo Redes e, sai de lá, muito entusiasmado para construir novas redes e espaços de discussão no município de Presidente Prudente - SP.

[...] O Fórum LGBT fazia fóruns itinerantes e aí eu falava assim pro Sérgio: “Sérgio, eu quero caminhar na saúde, na defesa do SUS. Caminha comigo, mas como LGBT”. E o Sérgio pegou com unhas e dentes, ele participava de tudo, ele conheceu todas as lideranças, ele se fortaleceu, ele defendia como ninguém. Eu me lembro que ele tentou se articular com a OAB, porque aí ele já tinha aprendido os caminhos, de onde é que ele tinha que atuar e ele veio na OAB e falou o termo “homofobia” na OAB pela primeira vez e ele diz que todo mundo ficou olhando pra ele. Ele falava assim: “Renata, ninguém sabe o que é homofobia”. Aí eu disse pra ele: “não? Então, ensina!” (risos) E assim, todo o encontro que ele voltava, ele me trazia material, me trazia as coisas que era distribuídas, me mostrava vídeos que ele assistia nos encontros e a gente trocou muitas experiências juntos, né. Essa história toda começou de 2000 pra cá (RENATA, 2019).

É portanto, no início dos anos 2000, que ativistas e militantes, representados pela Renata, pelo Sérgio e outros, que começam a tecer uma rede de atuação em torno de temáticas que englobavam a diversidade sexual e de gênero, as discussões sobre as Doenças

Sexualmente Transmissíveis (agora compreendidas como ISTs), em torno das oportunidades para a população LGBT Prudentina, bem como da violência direcionada aos corpos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais do município, etc.

A partir dos encontros Sérgio recebia mais e mais orientações, uma delas, baseava-se na construção de uma teia de atuação, portanto, não era interessante que ele atuasse sozinho, como representante único do movimento no município. É, portanto, a partir desse momento que se dá a aproximação do Sérgio com a Cura Diocesana de Presidente Prudente - SP – espaços que eram caracterizados por uma abertura mais progressista. Havia já nesses espaços discussões em torno de raça, gênero, sexualidade, visto que se formavam e estruturavam movimentos como: o Movimento Negro, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), etc.

Identificamos a partir da entrevista a primeira atuação socioespacial em torno da diversidade no município de Presidente Prudente - SP, representada pela ação de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores, Rurais Sem Terra (MST), Movimento Negro e, também a representatividade expressa em Sérgio que atuava nessas frentes e que contribuiu com a organização da manifestação representada pelo “Grito dos Excluídos”.

A entrevistada Renata verbaliza que Sérgio reconheceu o Grito dos Excluídos como a primeira Parada, no entanto, ela alerta que não é possível considerar como primeira Parada LGBT, pelo fato de ser composta por diferentes segmentos, todos eles unidos ali por um objetivo, a luta por mais direitos e igualdades.

A partir da primeira participação do Sérgio na marcha do Grito dos Excluídos, ele sente um enorme desejo de realizar a construção da primeira Parada de Presidente Prudente - SP e, no ano seguinte, cria uma rede de sujeitos interessados em compor essa construção.

A partir das buscas documentais tão importantes, encontramos a notícia da primeira Parada da Diversidade de Presidente Prudente - SP, realizada no dia 27 de outubro de 2007. O evento foi marcado por diferentes objetivos, um deles de discutir a diversidade sexual e propagar à cidadania. Um dia antes da realização da Parada da Diversidade, ocorreu o II Seminário de Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)/Aids e diversidade sexual, cerca de 100 pessoas participaram do evento que fora

organizado pelo Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Cultura (GESC), coordenado pelo principal organizador da Parada da Diversidade Sérgio Aparecido.

Conforme o coordenador do Gesc, Sérgio Aparecido dos Santos, o tipo de preconceito mais latente enfrentado pelo público GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais) é justamente a homofobia. “Esse ódio às pessoas inclusas no segmento GLBTT é uma doença social, e a única forma de minimizá-lo e cura-la, é com informação. Por isso esse tipo de debate realizado é tão importante”, ressalta (O IMPARCIAL, 27 de out. de 2007).

As fontes representadas pelos jornais (O Imparcial e Oeste Notícias), informaram que a Parada reuniu aproximadamente 350 pessoas e teve início no Parque do Povo na altura da rua Donato Armelino e seguiu após a execução do Hino Nacional até as proximidades do Prudenshopping. Havia a presença de trios elétricos, cartazes, gritos de manifestação, etc.

Figura 01. Imagem da primeira Parada da Diversidade de Presidente Prudente – SP



Fonte: O Imparcial.

Org: Wilians Ventura Ferreira Souza e Carlos Alberto Feliciano

A Parada da Diversidade, que teve sua descrição exposta acima, representa além de um movimento socioespacial, um movimento também socioterritorial, visto que muitos dos militantes, ativistas, Drag Queens ali presentes, utilizam o seu corpo como instrumento

político ao reconhecerem que seus corpos são também seus territórios. É necessário avançarmos nessa discussão, no entanto, a faremos no próximo tópico.

A organização do evento realizada pelo Sérgio, Renata e Talita, se constitui como um marco histórico, representando uma abertura de espaços antes impenetráveis, disputados e que se apresentavam de maneira hostil a essa população.

As manifestações realizadas nesse dia, mesmo que identificadas a partir de sua efemeridade, isto é, sua atuação e espacialização se dá em apenas um dia, em poucas horas, devemos ir além dessa compreensão, sendo que a luta pela liberdade, igualdade e criação de políticas públicas, adentra em outros espaços e territórios, provocam movimentos na imaterialidade, no pensamento hegemônico, atinge em cheio o sistema heteronormativo presente no município.

Houve uma aproximação maior com outros movimentos sociais do município, como também da Central Única dos Trabalhadores (CUT) de Presidente Prudente – SP que cederam o espaço para que as reuniões fossem feitas de forma mais segura e cômoda.

Nestes espaços, eram desenvolvidas e criadas redes de discussão, mesas de debates de temas relacionados ao movimento LGBT. A saúde, era, portanto, espaços também de capacitação e formação, havia sim, o conteúdo festivo presente nas Paradas, no entanto, havia também os espaços caracterizados pela troca de conhecimentos e pela experimentação de diferentes vivências presentes na concretude do movimento LGBT e na interação com outros setores da sociedade civil.

Os movimentos sociais surgem como forma de protesto e embate as normas vigentes que, por vezes, atuam impondo diferentes formas e tipos de opressões. O ativismo LGBT que surge nesse sentido, marcado pelo enfrentamento a lesbo-homo-bi-transfobia, se distribui pelos mais diferentes espaços assumindo como principal objetivo o combate a essas formas de opressão.

A parada LGBT surge como expressão dos movimentos sociais e ativistas, que utilizam a organização política como forma de luta e disputa espacial. A Parada como uma expressão do movimento social, surge nos Estados Unidos, ocupando posteriormente diferentes outros espaços, como Paris, Berlim e Londres.

Com base nessa breve contextualização, permite-se pensar as paradas como movimentos sociais e, ao mesmo tempo, entendê-las como possibilidades de ativismo, de participação política e de organização social dos indivíduos que podem representar a inversão das atuais formas de poder, aquelas relacionadas ao campo institucionalizado. Trazer esse

diálogo é um esforço em construir uma base teórico-conceitual e metodológica que parte das forças do indivíduo que luta por direitos e por visibilidade social, ou por atores/atrizes sociais que foram marginalizados e ignorados pela sociedade, mesmo com uma Constituição que garante a liberdade, a justiça e a igualdade independente de cor, raça, sexo e orientação sexual (MOREIRA, 2016, p. 35).

A luta do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP possui diferentes fragmentos e dissidências que precisam ser lidos com muito cuidado e situado em seu tempo e contexto histórico, como assim o fizemos ao recortar ano a ano a história de cada Parada, como também as mudanças de coordenação e direção da Parada.

Desde o início, nos perguntávamos: qual seria o principal ensejo para que esses sujeito se organizassem no formato de movimentos socioespaciais?

A luta do movimento em Presidente Prudente - SP pode ser entendida a partir da união de diferentes sujeitos, que compreendem o sentido da militância e da atuação ativa para o caminho em direção a transformação social.

É necessário ressaltar que, no contexto atual de atuação do movimento, existem diferentes linhas de ação, identificadas a partir de múltiplas leituras da realidade. Existem aqueles que participam das manifestações socioespaciais (Parada LGBT) sem estarem organizados em movimentos socioespaciais ou socioterritoriais, existem aqueles que atuam como simpatizantes da luta e da causa como o caso de alguns militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) - movimento socioterritorial, existem aqueles que atuam num sentido contrário a partidarização, como também aqueles que atuam mais próximos dos partidos e sindicatos que aderem essa plataforma.

Identificamos a partir da oralidade desses sujeitos que o que os atinge de forma mais violenta e cruel, é a violência. Todos eles através da aplicação das entrevistas, identificaram diferentes processos de estigmatização, subalternização e marginalização direcionada a seus corpos.

Assim sendo, mesmo que a Parada possua uma característica pontual e efêmera, ela tem atingido diferentes espaços, culminando na criação de coletivos, espaços de formação, de debates, setores de discussão dentro de movimentos socioterritoriais como é o caso do MST, coletivos dentro de universidades (públicas e privadas), etc.

O Grupo Somos criado no ano de 2015, através da união de diversos delegados (pessoas eleitas para representarem o município em diferentes estâncias), que representaram as diversidades presentes no Movimento. Esses delegados reuniram-se

inicialmente em uma conferência municipal que foi muito representativo no sentido de inflamar as discussões sobre as pautas específicas como: organização, trabalho, saúde, violência, educação, etc.

Após a realização da conferência municipal e a inflamação das discussões a respeito dessas pautas específicas, ocorreu a conferência estadual, onde também foi necessário a representação do movimento através dos delegados do município de Presidente Prudente - SP. E, por fim, houveram militantes que foram escolhidos para representar o município em âmbito nacional.

Assim, o Somos tem a sua gênese dentro dessa movimentação em torno das conferências (municipal, estadual e nacional), que inflamaram discussões e provocaram uma repentina organização desses sujeitos, que a identificaram como Grupo Somos LGBT.

É muito importante compreendermos a construção e consolidação do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP e situa-lo dentro de um conjunto de elementos socioespaciais e históricos que se diferenciam e, de certa maneira, produzem o movimento existente na atualidade. Portanto, é fundamental lermos a escala do movimento analisado, as suas projeções e a sua evolução dentro do espaço e do tempo.

Através do tópico anterior foi possível compreender o processo de construção das Paradas (Gay, Diversidade e LGBT), desde a primeira parada realizada no ano de 2007 até a última parada realizada no ano de 2019.

Identificamos também quais foram os protagonistas e principais organizadores desse evento, como também dos delegados selecionados para representar o município em diferentes esferas e escalas de atuação, surgindo nomes como: Sérgio, Renata, Talita, Charles, Waleria, Vagner, Tauan, Tom, etc.

Identificamos também que a atuação desses sujeitos foi importante para a criação de um discurso baseado em suas vivências, ora dotado de aspectos políticos, ora de aspectos relacionados a diversidade, as festas, etc.

As Paradas modificam, pelo menos por um dia, a dinâmica espacial do município de Presidente Prudente - SP, sobretudo, na Avenida 14 de Setembro que se localiza próxima ao Parque do Povo. O percurso realizado durante a Parada foi se alterando com o tempo e alguns dos entrevistados relatam que antes o percurso era um pouco mais extenso.

Quadro 03. Descrição de todas as Paradas realizadas no município de Presidente Prudente - SP

Nº	Nome	Quantidade de Pessoas	Lema	Data
1ª	I Parada da Diversidade	3000	Geral	2007
2ª	II Parada Gay de Presidente Prudente - SP	3500	“Homofobia é crime, contamina e pode matar”	2008
3ª	III Parada Gay de Presidente Prudente - SP	3500	“Cidadania, Direito teu e meu também”	2009
4ª	IV Parada Gay de Presidente Prudente - SP	7000	“Ser ou não ser, não é essa a questão”	2010
5ª	V Parada Gay de Presidente Prudente - SP	10000	“Se o teu amor pode, o meu também pode – chega de homofobia”	2011
6ª	VI Parada Gay de Presidente Prudente - SP	1200	“Por um país laico e sem homofobia”	2012
7ª	Não houve	Não houve	Não houve	2013
8ª	Falecimento do organizador principal do evento – Hélio Cruz	Não houve	Não houve	2014
9ª	IX Parada do Orgulho Gay de Presidente Prudente - SP	3000	“Tudo pela Igualdade”	2015
10ª	X Parada do Orgulho LGBT de Presidente Prudente - SP	1000	“Nossa luta é todo dia contra a LGBTfobia”	2016
11ª	XI Parada do Orgulho LGBT de Presidente Prudente - SP	5000	“Lutando por uma sociedade de cores: em defesa da vida de todos e todas LGBT”	2017
12ª	XII Parada do Orgulho LGBT de Presidente Prudente - SP	10000	“Ocupando a educação para colorir com democracia”	2018
13ª	XIII	6000	“Se nossa existência te incomoda o problema está em você. SOMOS contra a LGBTfobia”	2019

Fonte: Hemeroteca/O Imparcial/ CUT

Org: Wilians Ventura Ferreira Souza e Carlos Alberto Feliciano

A partir do exposto é possível identificar três mudanças substanciais na construção do movimento LGBT de Presidente Prudente - SP, como também das Paradas:

O primeiro momento é marcado pela atuação do já falecido Sérgio Aparecido dos Santos, que através de uma relevante capacitação, tornou-se um importante quadro e referência nas temáticas que englobavam a comunidade LGBT. A partir de sua participação com bases da igreja, como a Cura Diocesana e da relação criada com outros movimentos sociais como o MST, é encorajado e realiza a Primeira Parada da Diversidade do Município (2007), no entanto, no mesmo ano ele falece, deixando uma enorme lacuna.

O segundo momento, surge a partir do agente penitenciário Hélio Cruz, que assume a responsabilidade de organizar a Parada do município. Hélio também explora os

diferentes espaços, cria uma rede de atuação com atores importantes no município: Drags queens e ativistas de outros segmentos.

Hélio também traz uma nova ferramenta para a Parada, ele foi o primeiro a criar uma semana de discussões sobre os mais diversos temas, essa semana antecedia o evento maior, a Parada, que era realizada aos domingos.

No entanto, em 2013, por falta de apoio e de ajuda, Hélio Cruz juntamente com outros companheiros e companheiras, cabe destaque para Renata Souza, que esteve junto na construção desde a primeira Parada, não realizaram a construção do evento.

Em 2014 ocorre novamente mais uma ruptura, a morte de Hélio Cruz. Novamente o Movimento LGBT Prudentino se vê num beco sem saída, cria-se uma lacuna e diferentes outras questões surgem a partir de seu falecimento, a principal era a de quem iria organizar a próxima Parada.

Novamente, Renata Souza, se apresenta como um importante articuladora do Movimento LGBT Prudentino, mesmo não sendo LGBT. Ela comunica Charles Francisco, homem gay, que assume a responsabilidade de construir a próxima Parada do município.

Charles traz novas formas de luta para a comunidade, também cria uma enorme rede de contato com Drag queens, travestis, lésbicas, gays e bissexuais, realizava diferentes eventos festivos que antecederam a Parada no município. Charles, por motivos pessoais, vai embora de Presidente Prudente - SP e, novamente a comunidade LGBT fica sem um organizador da Parada.

A partir do Surgimento do Grupo Somos, através das relevantes conferências, municipal, estadual e Nacional, os militantes e ativistas deste coletivo se sentem preparados para assumir a responsabilidade e organizam a Parada do Orgulho LGBT de Presidente Prudente - SP. É importante ressaltar que o conteúdo político sempre existiu desde a primeira Parada, no entanto, o Grupo Somos traz isso de uma forma mais explícita, através dos temas das Paradas que foram construídas coletivamente, da rede de grupos, instituições, universidades e frentes que foram anexadas a organização da Parada, como também da criação das Semanas da Diversidade, que assim como desenvolvidas por Hélio Cruz, tinham como objetivo debater temas importantes como: violência, saúde, trabalho, ativismos, etc.

Uma expressão importante para descrever essa nova fase do Movimento LGBT Prudentino, são os temas que foram debatidos durante a construção da Paradas. Em 2016, quando o Grupo Somos assume a organização, o lema era “Nossa luta é todo dia contra a LGBTfobia”, realizando uma importante reflexão a respeito dos crimes de ódio direcionados a população LGBT brasileira.

No ano de 2017, o grupo adotou o lema “Lutando por uma sociedade de cores: em defesa da vida de todos e todas LGBT”, novamente aplicando uma discussão sobre os processos de violação que essa população sofre diariamente.

Em 2018, ano de eleição presidencial, o Grupo Somos adotou o lema “Ocupando a educação para colorir com democracia”, realizando uma importante reflexão em torno do papel da escola na luta contra a lesbo-homo-bi-transfobia.

Em 2019, o tema foi “Se nossa existência te incomoda o problema está em você. SOMOS contra a LGBTfobia”, novamente trazendo a questão da violência como um importante tema a ser debatido e combatido.

É importante delimitarmos os anos de atuação referentes a cada etapa do processo de construção das Paradas no município. Sergio Aparecido, o primeiro organizador da Parada de Presidente Prudente - SP, organizou apenas a Parada do ano de 2007, que reuniu aproximadamente 3000 pessoas.

Hélio Cruz e Renata Souza, que assumem a organização da Parada depois do falecimento de Sérgio a organizam de 2008 a 2012. Durante este período a parada cresceu e diminuiu de um ano para o outros, atingindo seu maior público em 2011, onde reuniu cerca de 10000 mil pessoas.

Charles Francisco e Renata Souza, que assumem a organização após o falecimento de Hélio Cruz, organizam apenas a Parada de 2015, que reuniu aproximadamente 3000 pessoas.

O Grupo Somos organizou as paradas de 2016 a 2019, atingindo seu maior público no ano de 2018 onde reuniu cerca de 10000 mil pessoas.

Salientamos que todas as informações referentes ao público participante das Paradas foram retiradas das fontes jornalísticas consultadas.

Alguns dos ativistas e organizadores da Parada, alertam dizendo que em alguns anos o público foi maior do que o registrado, havendo, portanto, um conflito de dados.

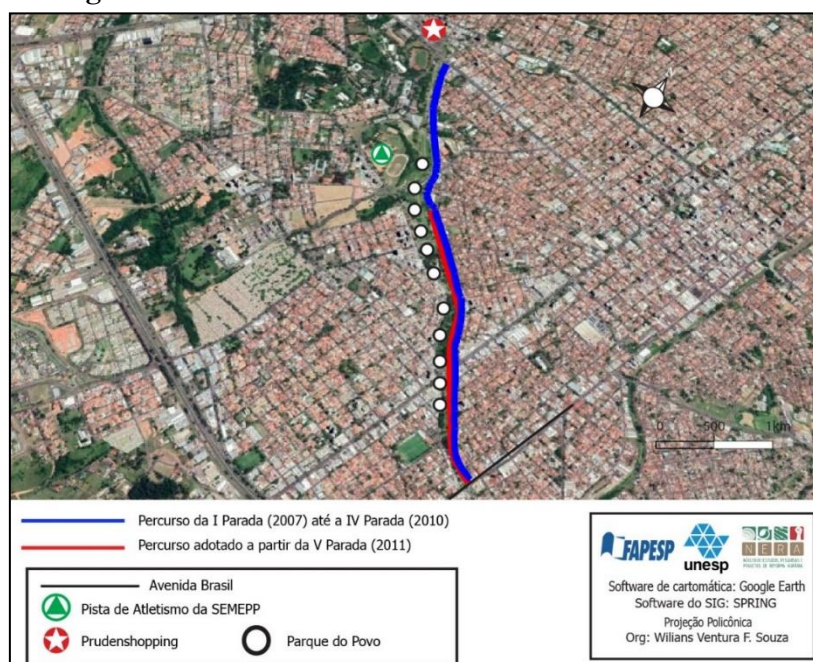
Optamos por utilizar como fonte as matérias jornalísticas, visto que identificamos algumas incongruências na fala de alguns militantes.

O percurso da Parada de Presidente Prudente - SP se alterou com o passar do tempo, como expresso no mapa 1, houve a implementação de dois diferentes trajetos, o primeiro relacionado a Primeira Parada de Presidente Prudente - SP e foi utilizado de 2007 a 2010 e o segundo adotado a partir de 2011 até a atualidade.

No primeiro percurso, a manifestação socioespacial representada pela caminhada, acontecia a partir da Avenida Brasil, localizada a Oeste do município, numa região de grande movimento e dinâmica econômica, até o final da Avenida 14 de Setembro próximo ao Prudenshopping, todo o percurso possui aproximadamente 2,7 km.

No segundo percurso adotado a partir de 2011 (5ª Parada) até a atualidade, a manifestação ocorre também nas proximidades do Parque do Povo, no entanto, ele se encurta, logo, todo o percurso representa aproximadamente 1,64 km.

Figura 02. Percurso da Parada de Presidente Prudente - SP



Org: Wilians Ventura Ferreira Souza e Carlos Alberto Feliciano

É importante, discutirmos os impactos positivos causados pelas manifestações socioespaciais representadas pelas Paradas realizadas e que continuam sendo construídas ano após ano. A ocupação dos espaços realizada pelos movimentos sociais, aqui especificamente o movimento LGBT, deve ser lido a partir da intencionalidade inscrita

naquele espaço, que está em evidente disputa. A ocupação e, em alguns momentos, a transformação dos espaços, está alocada em debates centrais realizados pelos movimentos que historicamente lutam pela transformação social, respeito e visibilidade, como é o caso do movimento LGBT brasileiro e prudentino.

A parada LGBT, assume, a partir do exposto, uma centralidade de disputa espacial que atua em diferentes escalas, até mesmo nas corporeidades. No entanto, além de compreender a parada LGBT como um ato político, como de fato é, alguns autores como Moreira (2016), apontam os elementos da festividade muito presentes nas discussões realizadas pelos movimentos sociais que antecedem o ato da parada propriamente dito, como na consumação do ato, representado pela ocupação de vias de circulação importantes em determinadas cidades, modificando assim a dinâmica espacial das mesmas.

É evidente que as Paradas LGBTs imprimem um papel de festividade, criticado e visto por alguns como algo negativo ao movimento e a luta, no entanto, Moreira (2016, p. 37) aponta que “o festar, é entendido por muitos participantes como uma festividade, um momento de descontração e socialidade”. Os movimentos e os articuladores da Parada LGBT, se utilizam daquele momento efêmero, para marcar no espaço-tempo, suas reivindicações, disputas, debates e diálogos. É, portanto, um espaço de extrema relevância, seja pela busca incessante de visibilidade, seja pela disputa realizada pelas tidas “minorias” a um espaço da cidade.

Os corpos inseridos naquele espaço transmitem diferentes informações, estas por sua vez são lidas em alguns momentos como subversivas, já que fogem de um padrão construído e consolidado, isto é, a heteronormatividade, são, portanto, corpos contra-heteronormativos. Durante a aplicação das entrevistas é possível evidenciar uma série de exposições acerca do corpo como território (socioterritorial) e como ação socioespacial.

Vimos que a ação socioespacial pode ser compreendida como o ato de modificar a dinâmica, transformar de forma efêmera determinada estrutura, provocar reflexão, potencializar a cidadania e a manutenção de direitos e privilégios, mas, o que representa então a ação socioterritorial ou a leitura em torno do corpo como território?

A partir de diferentes leituras, iniciamos a compreensão do corpo como uma escala geográfica de atuação política, ora como espaço (socioespacial) – um corpo inserido na multidão diversa e heterogênea da Parada -, ora como território (socioterritorial) – um corpo que não se reconhece (transgêneros) e luta pela mudança e liberdade ao assumir que

o seu corpo é o seu território exercendo o que Fernandes (2012) insiste em colocar em sua leitura feita a partir desses conceitos. Os territórios estão contidos nos espaços, logo, todo movimento socioterritorial é também socioespacial, os corpos ocupam uma dimensão da realidade, todos os corpos ocupam uma dimensão espacial da realidade, como também atuam de forma política na defesa de seus corpos assumindo-os como territórios particulares.

Considerações Finais

É muito difícil concluir uma pesquisa como essa, sobretudo, por dois motivos. O primeiro é que a materialização do Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP possui uma fluidez muito relevante, que se manifesta em diferentes mudanças estruturais em períodos curtos de tempo, o movimento muda e se transforma ano após ano, por este motivo identificamos algumas problemáticas em classificar e dizer o que representa ou não o movimento.

O segundo motivo pode ser compreendido a partir da quantidade de sujeitos presentes no movimento, que possuem pensamentos muito diferentes e que possibilitam uma discussão rica, intensa e até decisiva para a constituição e linha política exercida pelo movimento em determinado período, portanto, poderíamos seguir o rito e expressar que o Movimento LGBT de Presidente Prudente - SP apresenta X características e por este motivo o lemos de tal forma. Não faremos desta forma, a pesquisa que vem sendo realizada há aproximadamente três anos, evidenciou diferentes processos e estes foram lidos em determinado período e concretude do movimento, hoje o lemos de outra forma, eis o movimento dialético da realidade.

Ao mesmo tempo que reconhecemos essas mudanças estruturais tão presentes na estrutura ideológica e de atuação do movimento, também evidenciamos algo jamais feito, isto é, colorimos a história do movimento LGBT, composta por diferentes sujeitos que foram essenciais para a fundação de um movimento organizado, a existência de um movimento está intimamente relacionado com a existência do outro, o movimento fundado em 2007 a partir das Paradas se apresenta como uma importante ação e produz novas ações de resistência, o movimento LGBT atual é resultado da sucessão de tempos históricos representados por uma luta socioespacial.

Referências

- BARBOSA, A. C. S. As trans-formações dos corpos travestis e o espaço escolar: uma leitura que não cabe no masculino e feminino. In: SILVA, J. M; ORNAT, M. J; JUNIOR, A. B. C. (Org.). **Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2017. p. 67-83
- CAMAROTTI, R. **A trajetória do Movimento LGBT**: a luta por reconhecimento e cidadania no contexto brasileiro e baiano. 2009, 154 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação do departamento de ciências sociais da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- COLETTI, L. H. **O movimento LGBT e a mídia**: tensões, interações e estratégias no Brasil e nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, 278p.
- EFREM F. R. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. **Cad. Pagu** [online]. 2016, n.46, pp.311-340.
- FERNANDES, B. M. Movimentos Socioterritoriais e Movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. Ed. Especial. São Paulo: **Revista NERA**, 2012. p. 07-17.
- FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. En: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: **CLACSO**, 2005.
- FACCHINI, R. **“Sopa de Letrinhas”?** – movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Campinas, 2002.
- FREIRE, L. **A máquina da cidadania**: uma etnografia sobre a requalificação civil das pessoas transexuais. 2015. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- GOHN, M. da G. **Teorias dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2007.
- MACRAE, E. **Os respeitáveis militantes e as bichas loucas**. In: EULÁLIO, A. et al. Caminhos Cruzados. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982
- MOLINA, L. P. P. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Revista Antíteses**, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul/dez, 2011.

ORNAT, M. J. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – Paraná.** Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2007. 160 f.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; JUNIOR, A. B. C. Sobre as desobediências epistemológicas e o testamento intelectual de Milton Santos. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; JUNIOR, A. B. C. (Org.) **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças.** Ponta Grossa: Toda palavra, 2016. p. 13-31

SILVA, M. J.; FERREIRA, E. Abordagens corporizadas: gênero, sexualidades e tecnologias. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; JUNIOR, A. B. C. (Org.). **Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades.** Ponta Grossa: Toda palavra, 2017. p. 31-45.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Sobre os autores (Informações prestadas pelos autores)

Wilians Ventura Ferreira Souza

Graduando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP campus de Presidente Prudente
Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.

Carlos Alberto Feliciano

Pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA

Como citar esse artigo

SOUZA, W. V. F.; FELICIANO, C. A. Que movimento é esse: uma leitura histórica e socioespacial do movimento LGBT de Presidente Prudente/SP. In: **Revista Geografia em Atos** (GeoAtos online) - 60 anos do curso de Geografia da FCT/UNESP: memórias e desafios - v. 08, n. 15, p. 136-165, dez/2019. DOI: 10.35416/geoatos.v8i15.6990

Recebido em: 2019-11-20

Devolvido para correções: 2019-12-17

Aceito em: 2019-12-25